

# **Ressonâncias Científicas e a Epistemologia da Comunicação<sup>1</sup>**

## **Scientific Resonances and the Epistemology of Communication<sup>2</sup>**

**Lucrecia D'Alessio Ferrara<sup>3</sup>**

### *Resumo*

*O objetivo desse trabalho é situar a comunicação no desenvolvimento da ciência contemporânea. Nesse sentido, observa-se o modo como a ciência da atualidade incorporou princípios gerais que alcançam todas as ciências e estabelecem, entre elas, uma ressonância científica que as torna dialogantes, apresentando outras categorias epistemológicas. Como área de conhecimento, a comunicação é atingida por essas ressonâncias e suas características. É necessário definir essas características a fim de estudar o modo como interferem na epistemologia da comunicação.*

*Palavras-chave: 1.comunicação, 2. ressonância científica, 3.epistemologia*

*Abstract The objective of this work is to communication in the development of contemporary science. In this sense, it is observed how current science has incorporated general principles that contaminate them and establishes, among them, a scientific resonance that brings them together and creates a dialogue that presents a new epistemological characteristic. As an area of knowledge, communication participates in this resonance and its characteristics. It is necessary to define these characteristics in order to study the way in which they interfere in the epistemology of communication*

*Keywords: 1. communication, 2. scientific resonance, 3. epistemology.*

### **1.A epistemologia da comunicação**

A epistemologia: disciplina e campo da comunicação

Relendo textos debatidos em GTS de Epistemologia da Comunicação e, posteriormente publicados em livros como *Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação* (XV Compós, 2007) e *A Comunicação Revisitada* ( XIIICompós, 2005), encontrei elementos que caracterizam a comunicação enquanto área disciplinar, como o conceito de disciplina e o de campo científico. A disciplina se apresenta enquanto elemento básico para caracterizar a autonomia científica e seus elementos normativos; o conceito de campo supõe reflexão e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de Epistemologia da Comunicação no XXXIV Encontro Nacional da Compós, UFParaná/ Curitiba, 10-13 junho 2025

<sup>2</sup> Paper presented to the GT Epistemology of Communication XXXIV National Meeting of Compos

<sup>3</sup> \professora do PPG em Comunicação e Semiótica/PUCSP lucreciadalessioferrara@gmail.com

atenção expressiva que acompanha os processos de observação, sinalização e nomeação que, retóricos ou não, acompanham os exercícios de produção e publicação de ideias, capazes de corresponder a realidades tão nítidas, quanto observadas. Em resumo, a disciplina é de caráter genuinamente regado pelo conjunto de normas que identifica uma área de conhecimento. Campo científico é, também, conceito epistemológico e produtor de conhecimento, mas surge acompanhado por juízos perceptivos indecisos e, possivelmente, não contemplados enquanto elementos aptos a configurar uma disciplina.

A disciplina corresponde ao território das certezas de uma epistemologia regada e oficial, reconhecida como norma a ser seguida e possivelmente repetida, porque assim é ensinada. Ao contrário, os riscos reflexivos que constroem um campo epistemológico, são conduzidos e reconhecidos, passo-a-passo, como uma tentativa reflexiva de caráter inventivo-perceptiva, com possível relevância científica, embora não contemplada como norma. Ou seja, as aventuras arriscadas que estabelecem hipóteses e formulam problemas de investigação, não parecem povoar o território das disciplinas, porque não são publicadas e veiculadas como pertencentes e próprias à epistemologia da área.

Signates, em seu memorial para concurso de promoção na carreira docente junto a UFG (dez, 2024) estuda dois equívocos gêmeos do mesmo problema, mas os aponta com distintas consequências. Vejamos: contemplar elementos não reconhecidos normativamente pela área ou considerar conceitos configurados como elementos caracterizadores de outras disciplinas, é entendido como atividade dispersiva ou exógena em relação ao núcleo disciplinar da área. Porém, enquanto campo comunicativo, dispersão e exogenia não se reduzem a buscar, em outras áreas, teorias ou conceitos adaptáveis à comunicação, mas propor investigações que, embora agônicas, podem levar o pesquisador a propostas mais instigantes; entretanto, essas propostas não são consideradas legítimas do ponto de vista epistemológico, ou seja, são simples possibilidades de contribuição científica, mas aquém do caráter disciplinar da área:

....estou convicto de que já estamos vivendo plenamente além da era em que prevalecia o pensamento conceitual, dedutivo e sequencial, sem que ainda tenhamos conseguido elaborar uma práxis ...compátivel com esse espírito do tempo marcado pela imagem e pelo sensível. Por isto, aqui, eu me disponho a anunciar a urgência de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação. (Sodré, 2005, p.15)

Se o território científico e político da disciplina corresponde ao logos proposto por Sodré, a aventura investigativa corresponde ao pathos epistemológico e constitui limite entre a disciplina e campo da comunicação ou entre o oficial e o oficioso enquanto investigação. Entre

esses limites que não permitem fronteiras, a epistemologia da comunicação deve fazer seleções e escolhas, para ser possível considerar a comunicação como área de conhecimento. Nesse sentido, diferem a arqueologia e a genealogia da comunicação.

#### **a) A arqueologia da comunicação**

Em *As Palavras e as Coisas* e *Arqueologia do Saber*, Foucault se refere ao termo arqueologia para frisar as condições históricas de uma área do saber, porém sem precisar o modo como aquela história se constituiu e, muito menos, como se desenvolveu. Sem dúvida, as normas epistemológicas que querem ser atribuídas à comunicação enquanto disciplina e autônoma como área de conhecimento, não expõem a gênese daquele acordo epistemológico, ou seja, não expõem êxitos ou desvios para definição das suas teorias, métodos ou objetos científicos. Embora seja uma perspectiva de análise, esse caráter histórico na epistemologia da comunicação deixa claro o elemento normativo que a área, enquanto disciplina, espera e/ou impõe como perspectiva histórica de análise da epistemologia da área.

Entretanto, enquanto produção de conhecimento, a epistemologia da comunicação também está presente quando a área é atingida por transformações tecnológicas, econômicas, políticas, culturais ou sociais. A conjugação desses abalos altera o modo teórico e investigativo do campo da comunicação e exige ser considerada na produção do seu conhecimento.

Em outro texto, *A Episteme Comunicacional* (2007), Sodré estuda a natureza do meio comunicativo como elemento constitutivo do campo e pode atuar, não só como objeto científico, mas como ponto de partida vital para sua constituição enquanto campo científico e presente no próprio vocábulo comunicar que “é a ação de sempre, infinitamente, instaura o comunicar da comunidade, não como um entre....., mas como um vínculo, portanto, como um nada constitutivo, pois vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem.” (Sodré. 2007p,.21)

Do ponto de vista histórico, o meio comunicativo foi largamente estudado pela Escola Crítica de Frankfurt, dando origem ao mais do que famoso conceito de meio de massa que propiciou a vastíssima atualização dos meios comunicativos como elementos manipuladores do emissor sobre o receptor, transformando-o em passivo e, portanto, em contraditório atuante, às voltas como o que lhe era emitido pelos meios comunicativos. Partindo de Gutenberg com a imprensa, os meios comunicativos, tecnológicos ou não, se multiplicaram contagiando todas as formas de comunicação, embora e quase sempre, com desempenho funcionalista e utilitário que Parsons e Merton ou Lasswell e Lazarsfeld estudaram e aplicaram, até o ponto de atribuir,

àquele desempenho utilitário, dimensões disciplinares, que atingiram o ápice de desenvolvimento de análise da respectiva eficiência, em grandes universidades norte-americanas.

Nesse sentido, os meios comunicativos de massa passaram a desenvolver verdadeiros manuais de produção de mensagens que, transmitidas, deveriam atingir o receptor, gerando uma recepção previsível, sem distinção entre emissores e receptores. Palavras, sons, gestos tinham significados estabelecidos que supunham comportamentos compatíveis: um gesto e a radiofonia foram suficientes para desencadear e, sobretudo, expandir, a segunda guerra mundial e suas massivas características.

Esse sistema de ordem utilitário impregnou o conhecimento desenvolvido, sobretudo a partir da década de 50 do século XX, até meados da sua segunda metade. Nesse sentido, a epistemologia da comunicação surge marcada e datada por teorias críticas como aquela produzida pela célebre Teoria Crítica da Escola de Frankfurt que, centralizou todo o desenvolvimento da primeira epistemologia da comunicação, produziu um conhecimento ordenado, previsível e tautológico, mesmo em produções entendidas como críticas como a teoria da ação comunicativa de Habermas, na proposição de uma ação político-comunicativa, decorrente do consenso de opinião construído na esfera pública, ou Luhmann, na proposta de uma teoria sistêmica que, autopoietica, o levou a desconhecer o papel social da comunicação na atuação de troca comunicativa que caracteriza exponencialmente a consideração do conceito de sistema. A comunicação, segundo Luhmann, se caracteriza como sistema fechado tornando-se possivelmente improvável.

Porém, a força persuasiva e expansiva dessas teorias levou a epistemologia da área a desconhecer ou a não apreender vozes dissonantes, como as de Benjamin com sua proposta de dialética da imobilidade ou Brecht com sua famosa teoria do afastamento. As dimensões histórico-arqueológicas da epistemologia da comunicação são marcadas por um conhecimento normativo, associado a perspectivas científicas determinantes e positivistas.

Entretanto, enquanto episteme para a produção de conhecimento, o meio comunicativo desenvolve outras dimensões que o caracterizam como elemento vinculativo entre homens e homens, homens e ambientes, homens e valores, homens e máquinas, homens e sociedades. Esse vínculo define o meio, não só como extensão do homem ou da mídia como foi funcionalmente entendido, mas referia-se, sobretudo, à midiatização como nova dimensão do objeto científico a atingir a episteme comunicacional no seu vértice genealógico.

**b) A genealogia da epistemologia da comunicação**

É também em Foucault que encontraremos alguma base para estudar o recorte de uma genealogia da epistemologia da comunicação; porém e ao contrário do que acontece com a arqueologia, não encontramos, uma raiz que aponte seu vetor matricial, mas nos deparamos com um agenciamento, talvez mais metodológico. Enquanto perspectiva, igualmente crítica para a produção de conhecimento, a genealogia está presente e viva em etapas vitais de um projeto de pesquisa.

Para desenvolver o complexo percurso de uma investigação, o pesquisador enfrenta vários desafios epistemológicos como: estabelecer a diferença entre vetor temático e definição da questão/problema de pesquisa; encontrar a melhor forma de expor/criar um problema de pesquisa; enfrentar o desafio discursivo que vai do tema ao problema; definir/perceber como o meio se apresenta enquanto componente do vínculo comunicativo; e finalmente e em síntese, transformar a investigação em exercício heurístico. Definir essas etapas de uma investigação levam o pesquisador a envolver-se em pesquisa, com totalidade física, sensível e mental. Um pathos que transforma a pesquisa em exercício de uma só unidade corpo/mente, que leva a comunicação a reconhecer a importância de seu vetor epistemológico bios-midiático.

**2. Uma epistemologia para a comunicação****a) As epistemologias do presente**

A epistemologia, como toda ciência que supõe mútuo compromisso corpo/mente, é datada, ou seja, é profundamente influenciada pelas transformações históricas, econômicas, políticas, sociais e culturais dos seus distintos momentos históricos. A epistemologia contemporânea surge, cada vez mais, como um espelho implacável das profundas transformações instauradas, no mundo, pelo século XIX.

A revolução industrial mecânica, e as mudanças científicas que a instauraram ou que ela própria patrocinou, definiram a epistemologia que produzimos e, cada vez mais, percebemos que a produção de conhecimento exige que levemos em consideração a história instaurada por aquela revolução.

Ao lado de outra maneira de produzir riquezas e o modelo econômico capitalista que se lhe seguiu, juntaram-se aos episódios de duas grandes guerras mundiais que redesenharam a geografia e a história da Europa e do ocidente e foram responsáveis pela modernidade que vivemos.

Aqueles fatos marcaram a epistemologia contemporânea e colocaram em cena outras variáveis políticas, econômicas, sociais e culturais que precisam ser consideradas, se quisermos compor, para a epistemologia da comunicação, não outro roteiro melhor traçado, mas e ao contrário, pensar em uma comunicação que, flexível e crítica, contemple os diferentes quadros da modernidade como frutos de uma comunicação influenciada por, ou até mesmo decorrente, daquelas mudanças conhecidas que constituíram elementos vitais, mas não valorizados, como marcas decisivas para a definição da atmosfera sócio/cultural dos séculos XX e XXI. Entraram em cena, não apenas as técnicas produtivas como a produção em série, a linha de montagem ou a dupla produção/consumo, mas os meios tecnológicos e as respectivas e inquestionáveis participações nos nossos modos de viver, sentir e pensar.

#### **b). A tecnologia, a ciência e os vínculos comunicativos**

A revolução industrial mecânica, o novo modo produtivo pela multiplicidade da série e escala de montagem; a concentração populacional em cidades que alterou, definitivamente, o modo de vida, as escalas de valores individuais e coletivos e a nova forma de subsistência apresentaram condições de vida que alteraram toda produção científica.

Foram criadas outras condições para a mudança radical do meio ambiente e desenvolveram-se as condições de mudanças sociais e científicas que Prigogine nomeou bifurcação, à semelhança de outras mudanças dos modos de vida que marcaram as transformações notáveis, responsáveis pela passagem do paleolítico ao neolítico. Embora a história dessas mudanças radicais dos modos de vida apresente distintos processos gerativos, podemos dizer, em síntese, que foram lideradas pela proposta de uma ciência pragmática, ou seja, uma ciência que se faz notar pelos seus efeitos.

No século XIX, encontramos mudanças científicas que se tornaram responsáveis pela articulação de valores científicos contemporâneos. A evolução das espécies, proposta por Darwin (1859), e a segunda lei da termodinâmica defendida por Clausius (1865), foram responsáveis pelo conjunto de fatores que influenciaram a ciência do nosso tempo e nossa maneira de produção científica. Fatores como a informação, a troca de informação com o meio ambiente, a entropia, a irreversibilidade, a produção de energia não orgânica e a produção de calor como fonte energética são elementos que, direta ou indiretamente, atravessam todas as ciências.

Ao lado desses elementos temos, no final do século XIX e, sobretudo depois do final da segunda guerra, observa-se que os conceitos de sistema, diferença e duplo vínculo surgem



relacionados à cibernética e atingem a epistemologia da comunicação nos seus fundamentos teóricos e metodológicos. Outros elementos passaram a ser considerados na formação e geração de vínculos comunicativos.

A pragmática proposta por Peirce (C.P. 5. 388) desenvolve uma ciência cujos significados não lhe são previsíveis porque são definidos a priori, ao contrário, a instância do significado passa a ser considerada pelos efeitos dos vínculos comunicativos, pelas suas consequências e possibilidades de interferir no curso dos fatos, ou mesmo, contaminá-los e transformá-los.

A evolução proposta por Darwin (1859) propõe, não apenas a evolução de todas as espécies vivas orgânicas e inorgânicas, mas também da ciência que, a partir daquela proposta, se posiciona como evolucionária e crescente nos seus parâmetros e abrangência de atuação e interatuação. Suas decorrências científicas como a complexidade dos seus postulados que, em evolução, se fazem crescentes e, sobretudo, instáveis nas suas dimensões e imprevisibilidades irreversíveis.

Esses elementos passam a ser considerados vetores de transformação das epistemologias de todas as áreas científicas e a comunicação, que entendia que a informação era simples transmissão funcional, é levada a considerar que a informação vai além da transmissão. Essa diferença levou a epistemologia a considerar o contágio comunicação/informação e a admitir que a comunicação é fonte de informação, capaz de gerar outras informações que lhe permitem ser capaz de apreender as consequências ou os efeitos dos vínculos comunicativos. A informação, proposta ao lado da comunicação, exige outra forma de produzir ciência, exige corajosa revisão dos seus eixos epistemológicos e metodológicos.

Nesse quadro, a informação constitui elemento definitivo para entender a complexidade do contemporâneo. A informação é elemento chave a demarcar nossa relação vinculativa, não só com o outro que constitui elemento que não nos reproduz, mas nos desafia a produzir outros vínculos, mas também, a produzir outra informação como consequência da conexão com o meio ambiente, com o qual a troca de informação se faz cada vez mais dinâmica e exige outros comportamentos éticos.

O vínculo informacional altera nosso repertório e o modo como influenciemos nosso meio e nossos vínculos que se duplicam em constantes trocas comunicativas. Mais do que nunca, a informação abandona seu rastro transmissivo que a limitava ao uso de ferramenta utilitária e adere à dimensão da “diferença que faz a diferença” como a nomeou Bateson(2006:256), ao

propor a epistemologia do duplo vínculo que se autoexplica como epistemologia que leva aprender a aprender:

Me parece que con muy pocas modificaciones se adapta al escenario general de la explicación biológica, aunque el hecho de ajustarse a ella altera certamente toda la base de la biología desde su misma base y altera nuestras ideas sobre nuestra relación con la mente, nuestra relación con los demás, muestra relación con el libre albedrío, etc. En una palabra, altera nuestra epistemología. Por lo que acabo de decir advertirán ustedes el supuesto de que la epistemología y las teorías de la mente y las teorías de la evolución están muy cerca de ser lo mismo, de suerte que epistemología es en cierto sentido un termino mas general que abarca tanto las teorías de la evolución como las teorías de la mente. (Bateson, 2006, p. 306)

Essa dimensão de uma epistemologia vinculativa entre as ciências sensíveis aos vínculos comunicativos corpo/mente, transforma a dupla comunicação/informação em articulação sistêmica responsável pela “médiance como movimento estrutural da existência humana” (Berque, 2000:124) e exige que revisemos conceitos que marcaram a epistemologia e a metodologia da comunicação. Nesse sentido, podemos abandonar os estudos de caso como vetor metodológico rotineiro e, quase sempre, mais descritivo do que analítica, para considerar a dimensão empírica das investigações em comunicação, como elemento necessário para apreender a dimensão e a força vinculativa que, em evolução, nos permite entender a participação dos meios vinculativos para a construção do campo comunicativo. No mesmo sentido, mas no caso dos vínculos produzidos como efeito dos meios digitais, somos levados a rever o modo rotineiro de contar o tempo ou dimensionar o espaço, para enfrentar a imediata realidade do tempo real e do espaço global que, na realidade aqui e agora, é entendido na dimensão dos lugares que, nas suas características antropológicas e sociais, exigem ser considerados e valorizados nas suas diferenças.

Desde a segunda metade do século XX até os dias atuais, a tríade evolução, informação e vinculação constitui meio comunicativo visceral de todos os sistemas comunicativos. Essa comunicação complexa exige outra dimensão científica.

### **c) Uma epistemologia para a comunicação**

A eclosão dessa “médiance” não ocorre por acaso, mas é o efeito, a consequência pragmática do conjunto de fatores que transformaram o mundo e colocaram a unidade informação/comunicação no cerne de toda produção científica. Braga (2007, p.11) reitera que a comunicação está presente em todas as áreas e percebe a dimensão e consequência dessa presença, ao propor que desentranhemos o que de comunicação está em todas as áreas científicas. Ao contrário de Braga, ou talvez, desenvolvendo sua proposta, sugerimos que sejamos capazes de ouvir uma ressonância científica que é a voz do nosso tempo e da ciência



que, na atualidade, deve-se produzir. Uma epistemologia capaz de entender a ciência de um tempo no qual a comunicação se faz presente, não pelos seus métodos ou conceitos, mas por uma epistemologia sensível a uma ciência sem normas: uma epistemologia para a comunicação.

Como consequência, essa epistemologia está sendo moldada por parâmetros distintos dos anteriores que formulavam conceitos, teorias e metodologias aparentemente exclusivas para a comunicação. Ao contrário, é necessário entender que uma epistemologia para a comunicação exige uma ciência, não só evolucionária, mas também pragmática e atenta aos seus próprios efeitos, e sobretudo, às consequências dos vínculos comunicativos estabelecidos no contemporâneo. Uma ciência indeterminada, imprevista e crítica da comunicação que atravessa nosso cotidiano e nossa sensibilidade.

A produção científica que decorre do conjunto comparativo de todas as áreas é naturalmente complexa e sem certezas porque, gerada por meios múltiplos, mas conectados, exige que sejamos capazes de gerar outra *mèdiace* teórica e conceitual que, flexível e original, pode romper com todos os modelos aplicativos, para traçar estratégias investigativas que não hesitam propor outras respostas para antigos problemas.

Uma epistemologia para a comunicação contemporâneas sugere a imprevisível heurística cognitiva que leva a rever o modo como víamos a comunicação e suas normas epistemológicas. Uma epistemologia para a comunicação propõe a recusa de teorias e métodos totalizantes, para que possamos estar atentos a um cotidiano midiático que nos leva a aprender, diariamente, como o mundo contemporâneo se faz comunicante.

### 3.Referências

**Bateson, Gregory** **Una Unidad Sagrada Pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente.**Barcelona: Gedisa, 2006

**Benjamin, Walther.** **Passagens..** Willy Bolle, org.. Belo Horizonte:UFMG/São Paulo, Imprensa Oficial do Estado. 2006

**Berque, Augustin.** **Écoumène.**Paris: Belin, 2000

**Braga, José Luis.**Pequeno roteiro de um campo não traçado **em Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação.** Jairo Ferreiram org.,Rio de Janeiro: e-papers, 2007

**Brecht, Bertold,** **Teatro Dialético,** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966

**Foucault, Michel.** **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1986

**Foucault, Michel. As Palavras e as Coisas** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966

**Peirce, Charles Sanders. Collectd Papers.** 8 vols, Cambridge, MA, Harvard University Press.

**Prigogine, Ilya e Stengers, Isabelle. A Nova Aliança, Editora Universidade de Brasília, 1991**

**Sodré, Muniz; *Logos e phatos*** a razão e a paixão no espaço conceitual da comunicação e das novas tecnologias em **A Comunicação Revisitada**, Sérgio Caparelli, Muniz Sodré, Sebastião Squirra orgs, Porto alegre: Sulina, 2007

**Sodré, Muniz. A Episteme Comunicacional em Matrizes Revista do PPC em Ciências da Comunicação.** São Paulo: USP, 2007